

UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A ACADEMIA DE PLATÃO, O LICEU DE ARISTÓTELES E AS UNIVERSIDADES

AN APPROACH BETWEEN PLATO'S ACADEMY, ARISTOTLE'S LYCEUM AND UNIVERSITIES

José Alfeu Wermann¹

Fabício Fonseca Machado²

RESUMO:

Este artigo procura aproximar a Academia de Platão e o Liceu de Aristóteles das universidades. As escolas universitárias têm sido frequentemente designadas de academias. Assim, é realizado um estudo comparativo entre as referidas instituições para identificar seus principais pontos em comum. Na teoria, é no ensino superior onde se desenvolve o saber mais profundo, complexo e sistemático, e as universidades, a partir da Idade Média, passaram a representar a essência dessa aspiração. A Academia de Atenas, a seu tempo, mais que o Liceu, correspondia a esse esforço ideal de se pensar a realidade com mais rigor. A escola aristotélica, a seu turno, dedicou-se mais ao conhecimento instrucional, empírico e sistematizador, um prenúncio da atual sociedade especializada.

Palavras-chave: Ensino Superior. Academia de Platão. Liceu de Aristóteles. Universidades.

ABSTRACT:

This paper seeks to approach Plato's Academy and Aristotle's Lyceum from universities. University schools have often been called academies. Thus, we conducted a comparative study between the institutions to identify your main points in common. In theory, it is in higher education which develops knowledge more deep, complex and systematic, and universities, from the Middle Ages, they come to represent the essence of this aspiration. The Academy of Athens, in time, more than the Lyceum, corresponded to this ideal effort to think the reality more accurately. The aristotelian school, in turn, devoted himself more to the instructional knowledge, empirical and systematizing, a harbinger of the current specialized company.

Key words: Higher Education. Plato's Academy. Aristotle Lyceum. Universities.

Sem dúvida, Platão e Aristóteles estão entre os maiores vultos de toda a história da filosofia. Ambos fundaram, cada qual a seu modo, dois dos mais respeitados estabelecimentos de ensino da história: a Academia e o Liceu, respectivamente. Não chegaram a ser

¹ Professor Titular da UNIASSELVI. Professor da Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul. Graduação em Filosofia – UPF. Especialização em Sociologia Política – UNISINOS. E-mail: jalfeuermann@yahoo.com.br

² Graduação em Direito – UFPel. Graduação em andamento em Filosofia – UNISUL. Pós-graduação em Docência no Ensino Superior – UNIASSELVI. Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia. E-mail: fabricio-machado@hotmail.com

universidades, na acepção mais moderna da palavra, mas não podemos dizer que não apresentavam traços típicos das instituições que surgiram, mais tarde, na Idade Média.

Neste artigo, pretendemos analisar as características que possivelmente aproximam tais escolas. Postulamos demonstrar porque tanto a Academia como o Liceu escreveram linhas importantes nos estatutos das universidades modernas. Não é de estranhar que, com alguma constância, as universidades ainda sejam designadas de academias.

A história da educação pode ser estudada sob diferentes métodos, enfoques, temáticas, e a partir de diferentes fontes. Na presente apuração, nosso escopo é procedermos a um estudo comparativo, apontando as zonas proximais entre as classes abordadas. Para isso, faz-se necessário, antes do mais: recapitular brevemente a história da educação, entender o conceito de ensino superior, situar as universidades enquanto instituições de ensino superior e desenhar o contexto do ensino superior à época da Academia. É sempre fascinante e desafiador revisitar a Grécia Antiga, os primórdios da filosofia, em especial o período clássico e seus desdobramentos. Mas primeiramente é forçoso preparar o terreno sobre o qual queremos caminhar.

1. BREVE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Seguramente não havia educação formal nas primeiras sociedades primitivas. O aprendizado acontecia de modo difuso, aleatório. Nas tribos, as crianças aprendiam pela imitação, replicavam os gestos e movimentos dos adultos na vida diária: alimentação, abrigo, artes, ofícios, rituais de iniciação etc.

Com a Antiguidade Oriental, a educação assumiu feições tradicionalistas e começou a formalizar-se. O surgimento da escrita, início da História, impulsionou esse processo, pois permitiu a conservação do conhecimento. Surgiu um dualismo: ensino formal para a elite, informal para o restante. Na Mesopotâmia, a educação fundamentava-se na escrita cuneiforme e na formação de escribas. Desenvolveram a medicina, a astronomia, o Código de Hamurabi e as primeiras bibliotecas. No Egito, também houve a valorização da escrita, os hieróglifos, a memorização, o castigo. O conhecimento expandiu-se nas escolas de Mênfis, Heliópolis e Tebas. Na Índia, baseava-se nos preceitos dos Vedas, com influência budista. Na China, a educação tradicionalista era reflexo da austeridade da própria cultura.

Na Grécia, berço da filosofia, mirava-se inicialmente à formação individual do homem, a *paideia*. Dois modelos contrastavam: o espartano e o ateniense. Depois, no séc. V a.C, centrou-se mais na preparação do homem para a cidadania, para a vida na *polis*. Surgiu a pedagogia: o estudo sistemático da educação. Em Roma, o ensino destinava-se a erigir o guerreiro, com ênfase no sistema de direitos e deveres, segundo a Lei das XII Tábuas. Por isso é o nascedouro do Direito. Mais tarde, acabou absorvendo a cultura helênica.

Na Idade Média, a educação voltou-se para o homem enquanto relacionado com o divino, visão que começou a ser superada a partir do Renascimento, com o Humanismo, de cunho antropocêntrico. Abriu-se espaço para a Reforma Protestante, respondida com a Contra-Reforma, cujo ápice foi a Companhia de Jesus, para propagar a fé católica. Com a Revolução Científica, a educação passou a desvincular-se da Igreja. A Revolução Francesa, enfim, transferiu para o Estado a responsabilidade pelo processo educacional.

Particularmente ao ensino superior, algumas fontes remetem sua origem para a escola *é.dub.ba.a*, na Suméria, Mesopotâmia³. No Ocidente, teriam sido as escolas pitagóricas, nos sécs. VI-V a.C, na Magna Grécia, seguidas da educação sofista e da Academia e do Liceu. Adiante, analisaremos com mais minúcia o surgimento dessas escolas na Europa. Antes, porém, consideramos oportuno investigar do que se trata o ensino superior.

2. O ENSINO SUPERIOR

Todos sabem que a expressão *ensino superior* pode suscitar um imenso leque de possibilidades hermenêuticas, que vai desde o conceito *do que é* essa categoria de ensino aos tipos de instituições que incidem nessa definição. De saída, alguns obstáculos se nos apresentam significativos. Seria tarefa árdua, primeiro, chegarmos a uma elucidação definitiva daquilo que seja ensino superior. No máximo, conseguimos uma definição razoável, suficientemente aceita. Além disso, em vista dos diferentes sistemas de ensino, variando de um país para outro, a empreitada torna-se ainda mais improvável.

Apesar dos contratempos, Souza (1991, p. 3) define ensino superior como “[...] o grau mais elevado do Sistema de Ensino, por exigir do candidato a comprovação de conclusão dos

³ Cf. o verbete **Oldiest University**, Guinness World Records, s.p.

graus que o precedem [...]”. Na mesma via encontramos Clarke (1971)⁴, ao prefaciá-la obra: “[...] by higher education [...] all education above the primary or elementary stage. Some of this can perhaps hardly qualify as ‘higher’”. Notemos, porém, que essas definições somente situam, de modo hierárquico, o ensino superior no sistema educacional como um todo, à luz dos demais níveis de ensino. Nossa investigação requer um ponto de vista mais sutil:

[...] os ensinamentos fundamental e médio têm por objetivo o saber simplificado, ou seja, situar o ser humano no cosmos, no seu meio, no seu tempo [...]. Já o [...] superior tem [...] o saber mais profundo, amplo, complexo e sistemático devido ao uso de codificações, sistemas, modelos e símbolos da semântica científica. (SOUZA, 1991, p. 4, grifos nossos).

Quer dizer, trata-se do tipo de ensino comumente visado pelas universidades, faculdades, institutos politécnicos e outras instituições congêneres⁵. Só que a mera autointitulação *universidade, faculdade* etc, não confere à entidade, por si só, o *status* de superior. As instituições referidas como *superiores* são assim denominadas apenas em tese. Não podemos sacramentá-las como tal sem antes apurarmos, uma a uma, a natureza do ensino nelas desenvolvido. Até porque um curso criado como de nível *superior*, conforme a lei, pode depois ser extinto justamente por não atingir a condição fática de nível superior.

Sob o ponto de vista legal, nossas instituições podem ser *faculdades, centros universitários* ou *universidades*⁶ e têm por finalidade: (1) estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; (2) formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira [...]; (3) incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive; (4) promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade [...]; (5) suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional [...]; (6), prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; (7) promover a extensão, aberta à

⁴ O pressuposto fundamental do livro é o de que o ensino das Artes Liberais antecedia o ensino superior. Discorre o autor, também, sobre o ensino da filosofia, as escolas de Atenas, a filosofia no mundo greco-romano, as escolas do Império, as escolas neoplatônicas e toda a educação superior medieval ligada ao Cristianismo.

⁵ A **Encyclopaedia Britannica** traz um rol exemplificativo sobre quais são as instituições superiores: “[...] in such fields as law, theology, medicine, business, music, and art. [...] also includes teacher-training schools, junior colleges, and institutes of technology”. Cf. Higher Education, **Encyclopaedia Britannica**, s.p.

⁶ Cf. Decreto nº 5.773, art. 12, p. 6.

participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios [...] ⁷.

Mas deixemos esses anseios em suspenso por enquanto. Eles serão relevantes quando adentrarmos, mais à frente, na Seção que tentará relacionar a Academia e o Liceu com as universidades, instituição a qual passamos a examinar.

3. AS UNIVERSIDADES COMO INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR

Não é de hoje que a universidade tem sido a insígnia mais proeminente do ensino superior, sua marca mais notável. Alguns incautos chegam a tratá-los como sinônimos, o que é um erro. A classe *ensino superior*, como firmamos, abrange a educação profunda, complexa e sistemática. Então tais características, por certo, não se restringem apenas a elas.

No Ocidente, seu surgimento deita raízes no séc. XI, pontualmente em Bolonha, Itália, em 1088. A *Università di Bologna* é tradicionalmente acolhida como a primeira universidade europeia da história. Depois, temos a *University of Oxford*, por volta de 1096. Anos mais tarde, em 1170, é consolidada na França a *Université de Paris*, hoje diluída. Todavia, não podemos olvidar que, em termos mundiais, as primeiras universidades emergiram do Oriente. Algumas fontes indicam a *Viśvavidyālaya Nālandā*, no séc. V, na Índia, que consistia num centro de estudos budistas. Outros mencionam a universidade *al-Qarawīyīn*, em Fez, Marrocos, de 859, como a primeira instituição da história. Pode ter precedido Bolonha, também, a universidade *al-Azhar*, no Cairo, Egito, por volta de 970, bem como a universidade *al-Nizamiyya*, em Bagdá, Iraque, datando de 1065. Não é o propósito adentrarmos nesse debate, pois nossa investigação é mais específica. Cuidemos, então, de algumas definições.

Etimologicamente, o vocábulo é latino: *universitas, universitatis*, “universalidade, totalidade; companhia, corporação, colégio, associação”, relacionando-se com *universum*, que significa “inteiro, o todo, tornado um”, originário da junção de *unus*, “um”, e *versus*, participio passado do verbo *vertere*, “voltar, virar”. O Dicionário Houaiss diz o seguinte: instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla ⁸.

⁷ Cf. Lei nº 9.394, art. 43, p. 27833. Trata-se da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

⁸ Cf. Antonio HOUAISS et al, **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**.

O art. 52 da Lei 9.394/96 diz que são “[...] instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano”. Caracterizam-se pela “produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional”. Na Europa, Hernández e Costa (2005, p. 223) acrescentam outros aspectos, presentes desde o início: “[...] secularización de la generación y difusión del saber, excelencia y rigor en el cultivo del mismo, autonomía y servicio a la sociedad”. Um dos princípios mais ventilados é o da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Por último, sublinhamos a autonomia didático-científica, administrativa e financeira, o caráter essencialmente qualitativo e a estrutura departamentalizada e distribuída em áreas distintas.

É preciso assentar que, presentemente, as universidades são atmosferas nas quais, em princípio, deve prosperar uma educação livre e independente, desembaraçada de toda e qualquer constrição e cerceamento. Ora, como dito na Seção antecedente, se no plano da educação superior é onde se desenvolve o saber profundo, complexo e sistemático, então a universidade transformou-se numa espécie de quintessência do ensino superior.

4. UMA PERSPECTIVA DO ENSINO SUPERIOR À ÉPOCA DO SURGIMENTO DA ACADEMIA

É irrefutável que antes mesmo da Academia de Platão já se praticava ensino superior nos arredores da Grécia. Muito incipiente, claro, mas não se milita mais se era ou não ensino de caráter superior: está superado. Em Atenas havia os ginásios (*gymnasia*), de início locais públicos destinados à realização de exercícios físicos (*gymnastiké*), além de servirem para o treinamento de tropas do exército (*ephebeia*). Esses espaços, porém, aos poucos foram encarnando um significado diverso, de instrução intelectual, de escola (*scholé*). Vários filósofos aderiram a eles a fim de exprimir seus pensamentos, tal como Sócrates. Aos poucos, a educação física acabou sendo preterida em relação à educação intelectual, política, para a vida pública. Isso porque a chegada dos *sophistai* a Atenas, pragmáticos e utilitaristas, teve um efeito avassalador na tradicional *paideia*, essencialmente apoiada no ideal de formação integral do homem, em sua plenitude física e mental.

Os sofistas, em sua maioria, priorizavam a educação particular, em casas e ambientes privados, por dinheiro, e possuíam caráter puramente itinerante, sem local fixo. Não havia

neles a índole de permanência, porque eram estrangeiros, não podiam, e por isso não estabeleceram escolas de ensino superior em definitivo. A educação superior acabou bipolarizada entre os sofistas, de um lado, e Sócrates e seus discípulos, de outro.

Antes disso, contudo, as primeiras escolas de educação formal já haviam surgido na Magna Grécia⁹. Registros dão conta de que no séc. VI a.C, na região de Crotona, sul da Itália, já funcionavam as célebres escolas pitagóricas, de cunho matemático, religioso e secreto, com rigorosa disciplina entre os seus membros. Ali foi a gênese, supomos, da estrutura que ficou conhecida no medievo como as sete artes liberais: *trivium* e *quadrivium*. Em 393 a.C, além disso, teria surgido em Atenas a famigerada escola de Isócrates, perdurando até a morte do fundador, em 338 a.C, da qual muito pouco ou quase nada sabemos, donde teriam emergido homens ilustres, premiados com várias distinções honoríficas no seio da sociedade ateniense. No início era uma escola retórica, tendo-se inclinado, depois, para o pensamento racional, para a filosofia.

Lynch (1993, p. 38) acrescenta que

Todas estas escolas se ergueram em resposta à mesma condição social em Atenas: a falta de instituições de qualquer gênero que fornecessem educação para além de um estádio elementar. Nos finais do século V e princípios do IV a.C. todas as escolas de ensino superior, fossem temporárias ou permanentes, eram resultado de iniciativa individual e cresciam num vazio resultante da ausência de regulação do estado ou de outra instituição exterior. [...] O que, no entanto, merece ser salientado é que essa falta de uniformidade era largamente o resultado de uma tradição fluida e recentemente estabelecida de ensino superior em Atenas.

Platão, que frequentara as escolas pitagóricas, e também por conhecer a instituição de Isócrates e outras afins, de que pouco sabemos, certamente as tomou como inspiração para materializar a sua Academia, o que em nada diminui a grandeza do seu trabalho.

5. A ACADEMIA DE PLATÃO

Platão (427-347 a.C) nasceu em Atenas e foi um dos maiores filósofos da Antiguidade. A quase totalidade dos seus escritos veio à lume na forma de diálogos, tais como *Ménon*, que se ocupa da virtude (*areté*), e *Fédon*, sobre a imortalidade da alma. Mas do *Corpus Platonicum* a obra mais lida e comentada é, em última análise, *A República (Politéia)*,

⁹ Atentar para o termo *escola* no sentido de lugar ou espaço destinado à educação formal, diferente da palavra *escola* no sentido de corrente ou de concepção de mundo ou filosófica.

na qual vislumbra uma cidade ideal, utópica, onde aborda diversos temas políticos e sociais. Nela Platão analisa a justiça *lato sensu*, por assim dizer.

Em geral as fontes indicam que a Academia foi fundada por ele em 387 a.C, em Atenas, e subsistiu por mais de 9 séculos, até 529, fechada por um *Editum* do imperador Justiniano. O soberano proibira o ensino de filosofia no Império Romano, pelo seu caráter pagão, em confronto direto, portanto, com a oficialização do Cristianismo, decretada anos antes. A Academia representava uma ameaça à uniformização cristã do Império.

A academia platônica foi uma instituição permanente. Situou-se, boa parte do tempo, num *gymnasium* consagrado ao lendário herói *Hekademus* ou *Akademus*, daí o seu nome, Academia (*Akadémeia*). Ficava nos arredores de Atenas, afastada, um bosque sagrado. Naquele templo do saber, o primeiro diálogo discutido talvez tenha sido o *Ménon*, e depois os demais temas de Platão: a Teoria das Ideias, o Demiurgo, a Alegoria da Caverna, e também o famoso curso *Sobre o bem*, não-escrito, que tratava das *realidades últimas e supremas*. Enquanto ainda pairam dúvidas sobre a estrutura física¹⁰ e os deslocamentos espaciais¹¹ da escola, a tese aceita quanto à estrutura jurídica é esta: aos olhos da lei ateniense, ela era um santuário (*hiera*), um lugar sagrado, de adoração dos Deuses e cultivo das divindades, já que a legislação grega não permitia um projeto nos moldes em que Platão pretendia estabelecer.

É óbvio que a Academia, nesses anos todos, não manteve sempre a mesma administração, sequer igual orientação filosófica. Nem teria como conservar a mesma compreensão durante tão longínquo tempo, por isso falamos em academias, no plural. Tradicionalmente os manuais a dividem em *Antiga*, *Média* e *Nova*, tendo havido, depois, mais duas vertentes¹². Em apertada síntese, a *Antiga* durou de Platão e seu sobrinho Espeusipo (347-339 a.C.) a Cratete (270-266 a.C.) e manteve fortes laços pitagóricos. A *Média* começou com Arcesilau de Pitane (266-241 a.C.) e teria durado até Hergesilau, de quem pouco

¹⁰ John DILLON, **The Heirs of Plato: a Study of the Old Academy (347-274 BC)**. Na obra, o autor levanta várias questões problemáticas sobre o enigma da estrutura física da Academia.

¹¹ Cf. José López HERNÁNDEZ e Francisco Manuel García COSTA, **La Universidad en su 917º Aniversario: de La Academia Platónica al Espacio Europeo de Enseñanza Superior**, p. 215: “En relación con la institución de la Academia platónica, podemos extraer las siguientes conclusiones: 1) [...] existió de manera continuada, tanto geográfica como jurídica e doctrinalmente, en Atenas desde su fundación hasta el año 68 a.C., cuando termina el mandato de Antíoco. 2) Después [...] continuó existiendo, pero su ubicación geográfica se hizo múltiple, teniendo sedes y representantes en diversas ciudades, incluida Atenas, aunque destacaron sobre todo las de Alejandría y Roma. [...]. 3) Finalmente, en los últimos años del siglo IV se refundó de nuevo la Academia con el nombre de Escuela de Atenas por obra de los últimos filósofos neoplatónicos, que la mantuvieron muy activa hasta su cierre definitivo”. No artigo, os autores espanhóis efetuam uma retomada da história da Academia, passando pelas universidades, até chegar ao atual espaço europeu de ensino superior.

¹² Assim o divide, por exemplo, Nicola ABBAGNANO, **Diccionario de Filosofia**, p.7-8.

sabemos, com orientação probabilística. A *Nova* iniciou com Carnéades de Cirene (155-136 a.C.), tendo sido cética e probabilística. Depois, com Fílon de Larissa (110-88 a.C.) vem a IV Academia e uma reviravolta eclética. Por fim, de Antíoco de Ascalão (88-68 a.C.) até seu fechamento, em 529, aparece uma vertente místico-religiosa, típica do Neoplatonismo.

De maneira geral, ela tinha características que a tornavam peculiar. Cotrim (2006, p. 90) assevera que “[...] foi uma das primeiras instituições permanentes de ensino superior do mundo ocidental. Uma espécie de universidade pioneira dedicada à pesquisa científica e filosófica, além de se tornar um centro de formação política”. Trata-se de um modelo “[...] dificilmente alguma vez alcançado de novo”¹³. Seu ponto mais forte era, sem dúvida, a efervescência dos debates e discussões. Nesse sentido, Jaeger (1947, p. 22-3) diz que

[...] sus clásicas doctrinas sobre las Ideas, sobre la unidad y la multiplicidad, sobre el placer y el dolor, sobre el estado, sobre el alma y la virtud, no eran en absoluto inviolables santuarios en las discusiones de los estudiantes [...] eran objeto de un constante examen, defensa y modificación, a la luz de penetrantes distinciones y laboriosos escrutinios de su validez lógica [...] la discusión de conceptos vino a ser el principio esencial de la Academia.

Por outras palavras, significa a superação do plano da opinião (*doxa*) para a ciência (*episteme*), como essência mesma da Academia. Pessanha (1991, p. 12), na abertura da coleção *Os pensadores*, complementa que Platão

[...] torna-se o primeiro dirigente de uma instituição permanente, voltada para a pesquisa original e concebida como conjugação de esforços de um grupo que vê no conhecimento algo vivo e dinâmico e não um corpo de doutrinas a serem simplesmente resguardadas e transmitidas [...] antes de tudo busca a inquietação, reformulação permanente e multiplicação das vias de abordagem dos problemas, a filosofia sendo fundamentalmente filosofar – esforço para pensar mais profunda e claramente. Nessa mesma época, em Atenas, Isócrates dirige um outro estabelecimento de educação superior. [...] Mas [...] nada de ciência abstrata: bastava munir o educando de “pontos de vista”, que ele deveria saber defender de forma persuasiva. [...] Mas é outra a perspectiva da Academia [...]”¹⁴.

O segundo ponto a exaltarmos é que a instituição desempenhou importante papel na formação política dos jovens gregos. Com efeito, ela os preparava para ocupar o seu lugar na *polis*, ativamente. A esse respeito, Lynch (1972, p. 59) refere que “[...] there is a long list of Academics who were active in affairs of state”. Um dos objetivos “[...] de la institución era mejorar a los hombres por medio del conocimiento, así como la formación de sábios,

¹³ Otfried HÖFFE, **Aristóteles**, p. 20.

¹⁴ Cf. José Américo PESSANHA, **Diálogos: Platão**, p. 12.

consejeros políticos e incluso de posibles gobernantes” (HERNÁNDEZ e COSTA, 2005, p. 205).

Merece referência, por derradeiro, que para o ingresso do aluno não havia restrição alguma de ascendência. Inúmeros relatos tocam nesse ponto. Cherniss apud Lynch (1993, p. 29) diz que a “[...] Academia não era uma comunidade sectária”¹⁵. Bittar (2003, p 16) acresce que, como não impunha “[...] qualquer óbice classial como critério de seleção dos discípulos, recebeu inúmeros adeptos provenientes de regiões várias, discípulos que contribuíram substancialmente para o desenvolvimento da pura investigação”.

Não podemos ignorar, contudo, que a entidade platônica subsistiu por muito tempo, nem sempre idêntica. Seria temerário crer na sua imutabilidade. Ela se transformou tal qual o processo histórico e o pensamento se transformam. Então quando falamos na Academia de Platão estamos normalmente a querer falar do arquétipo a princípio concebido pelo filósofo, qual seja, de uma escola comprometida com o pensamento crítico e autônomo, o homem em sua vocação ontológico-racional, enquanto ser ético e político.

6. O LICEU DE ARISTÓTELES

Do que sabemos, Aristóteles (384-322 a.C.) é autor da obra mais vasta do mundo antigo, da mais fina e penetrante inteligência. Nascido em Estagira, na Calcídica, Macedônia, foi dos discípulos mais destacados de Platão. Era filho do médico Nicômaco, que trabalhava para o rei Amintas III, avô de Alexandre, O Grande. O *Corpus Aristotelicum* abarca obras dos mais variados ramos do saber: lógica, física, ciência, natureza, metafísica, ética e estética. Destacamos, por exemplo, o *Organon*, que trata da lógica; *Ēthicà Nicomácheia*, sobre ética; sobre *filosofia primeira*, depois chamada *Metà ta physikà*; e *Politéia*, sobre política.

Órfão ainda menino, aos 17 anos chegou a Atenas, onde frequentou a Academia de Platão durante 20 anos, sempre com crescente destaque, primeiro como aluno, depois como professor. O ambiente ali propício, de amizade (*philía*), isonomia e liberdade de expressão, permitiu-lhe amplo desenvolvimento intelectual. Quando da morte de Platão, em 347 a.C., sua aptidão o endossava a investir-se do cargo de escolarca (*skholárkhês*) da Academia, só que foi preterido em nome de Espeusipo, sobrinho do mestre. Assim, partiu para Assos, na Mísia,

¹⁵ Idem, ibidem, p. 30: “Por outras palavras, uma pessoa podia ser – como, por exemplo, Eudoxo era – membro da Academia sem ser platonista. Uma pessoa podia ter sido escolarca da Academia embora não aceitasse a teoria das ideias, como o caso de Speusipo demonstra [...]”.

Ásia Menor, onde ficou até 345 a.C, quando convidado por Felipe II, rei da Macedônia, para ser professor de seu filho, Alexandre, então adolescente. Por volta de 335 a.C. regressou a Atenas, ocasião em que fundou o Liceu.

Aristóteles foi um dos principais, senão o principal discípulo de Platão, ainda que destoante do mestre em diversos tópicos: *Amicus Plato, sed magis amica veritas*, depois consagrado. Em alguns aspectos o Liceu assemelhava-se muito à Academia, embora se distinguisse dela em outros tantos. Uma vez que do pai, médico, sobreveio a Aristóteles o gosto pelas ciências naturais, uma das características mais distintas do Perípatos, assim como da filosofia aristotélica em relação ao platonismo, era precisamente a ênfase na realidade empírica como fonte do conhecimento. Em oposição a Platão, idealista e artístico, Aristóteles era realista e sistemático.

O Liceu (*Lúkeion*) localizava-se num ginásio, em Atenas, um bosque devotado a Apolo Lício (*Apolo Lykeios*). Nesse jardim, era habitual o mestre passear (*peripatein*) por entre as árvores com os seus discípulos, daí o nome Perípatos (*Peripatos*) para a escola, e peripatéticos (*peripatoi*) para os seus membros. Ali o estagirita ensinou por 12 anos, até 323 a.C, quando se refugiou em Cálcis, devido à morte de Alexandre e a uma reação antimacedônica em Atenas. Lá mesmo morreu, um ano depois. No Perípatos, sucedeu-lhe Teofrasto de Eresso (322-286 a.C.), cuja morte coincidiu com o declínio da escola, até culminar com a sua extinção¹⁶. Segundo Wells (1972, p. 522), “50 anos depois da morte de Aristóteles o Liceu já era uma sombra”. A escola aristotélica adquiriu bem menos repercussão que a Academia. Lynch (1972, p. 2) diz que a quantidade menor de estudos tornou o Liceu “[...] merely a footnote to an examination of the Academy”. Não vem ao caso, aqui, uma análise dos motivos que o levaram a soçobrar tão rapidamente. As razões oscilam desde instabilidades institucionais, com as quais seus membros não souberam lidar, muito por falta de dialética, até a hostilidade local pelo fato da escola apresentar conexões com a Macedônia.

Seja como for, é mister traçarmos um paralelo entre a instituição platônica e o Perípatos. A estrutura do Liceu era bastante semelhante à da Academia, mas não exatamente igual¹⁷. O primeiro traço a aproximá-los, obviamente, foi o incessante processo de produção do conhecimento pelo uso da razão, isto é, a filosofia mesma em sua plenitude, em seu

¹⁶ LYNCH, op. cit, p. 140, traz a possível linha sucessória após Teofrasto: Estratão de Lâmpsaco (286-268 a.C.), Lícon de Trôade (268-224 a.C.), Aristão de Atenas (224-? a.C.), Critolau de Faselis (?-metade do segundo século a.C.), Diodoro de Tiro (morreu depois de 110 a.C.). O último teria sido Andrônico de Rodes por volta de 78 a.C.

¹⁷ Particularmente sobre o Liceu, e por consequência também sobre a Academia, vale ressaltarmos a obra **Aristotle's School: a Study of a Greek Educational Institution**, de John Patrick LYNCH.

esplendor. Depois, no que toca à acessibilidade, para o ingresso não havia restrição alguma de linhagem, tampouco de raiz familiar. A terceira grande característica, e nisso diferiam dos pitagóricos, é que tanto a Academia quanto o Liceu eram escolas abertas, não havia juramentos, jejuns ou rituais: eram públicos e parte integrante da cidade. Além disso, em geral os alunos não estavam subsumidos a nenhum encargo financeiro, embora mais tarde tal aspecto tenha mudado, depois de Platão.

Por outro lado, a Academia diferia do Liceu em outros atributos. Já comentamos o primeiro linhas atrás, mas não custa refrisar que, na Academia, havia uma forma um pouco mais livre de pensamento, pois Platão acreditava que o Mundo das Ideias só era atingível através da dialética (*dialektiké*), ao passo que, no Liceu, predominava um sistema mais cooperativo, porque, no entender de Aristóteles, o conhecimento filosófico “[...] was not the result of [...] a dialectical process but of individual contributions and shared tasks” (LYNCH, 1972, p. 86). Dito de outro modo, significa que no Liceu havia mais instrução e menos discussão.

O segundo ponto a diferenciá-los é precisamente a procedência de ambos os filósofos. Aristóteles era de Estagira e, desse modo, enfrentava certas restrições em termos de cidadania. Consoante Höffe (2008, p. 24), a ele era “[...] vedada a aquisição de bens duradouros [...] ele continua sendo um estrangeiro sob suspeita e, na vida intelectual, um cientista estrangeiro entre outros”. Isso influenciou, por exemplo, a estrutura física do Liceu, bem menor que a Academia. Além disso, sua participação na vida política é balizada, e muito, por essa condição de forasteiro. O Liceu, então, dedicava-se mais à parte empírica, de sistematização, enquanto na Academia o foco principal era a política. Como corolário, a escola de Platão produziu muito mais homens públicos que o Perípatos.

A par dessas considerações, cremos já ter respaldo para delinear algumas diretrizes sobre o cerne do estudo. A esta altura, precisamos começar a estreitar os laços.

7. UMA APROXIMAÇÃO ENTRE A ACADEMIA, O LICEU E AS UNIVERSIDADES

Um dos problemas que agora surge é como compararmos estabelecimentos de épocas tão distintas. Outro impasse é saber com qual período da própria instituição devemos contrastar. Mais ainda, no caso das universidades não há apenas uma instituição isolada, mas várias. Isso se não levarmos em conta as escolas anteriores a Bolonha, do Oriente. Reparemos

no tempo de duração de cada uma delas: Academia (916), Liceu (257) e universidades (927), sendo que 559 anos separam o fim da Academia da fundação da escola bolonhesa.

Principiamos, pois, pela análise do Dicionário Houaiss¹⁸:

Academia: [...] **3** escola de ensino superior; faculdade, universidade <a. de direito>. **4** a corporação dos estudantes de uma escola de ensino superior. **5** sociedade ou congregação, particular ou oficial, com caráter científico, literário ou artístico <A. Brasileira de Ciências>. [...] Em grego o vocábulo tinha apenas o significado de ‘escola platônica’; as outras acepções parecem ter sido desenvolvidas a partir do italiano *accademia* (1304-1308), o qual no s. XVII também era usado para designar ‘estabelecimento de ensino superior’.

Liceu: estabelecimento no qual é ministrado o ensino de segundo grau e/ou ensino profissionalizante [...].

O primeiro dos verbetes acima acaba reforçando a tese de que não é fortuita a ligação entre a Academia, o Liceu e as universidades, mormente com a instituição platônica. O Perípatos, com o tempo, restou associado ao ensino secundarista e profissionalizante, dada a sua tendência mais instrucional, empírica e sistematizadora. Além disso, urge referirmos que as academias modernas (Letras, Artes etc) também guardam raízes com a Academia de Platão, apesar de diferentes. Malato (2009, p. 6)¹⁹ remete essa distinção para a *Encyclopédie* de Diderot e D’Alembert: “[...] une Académie n’est point destinée à enseigner ou professer aucun Art, quel qu’il soit, mais à en procurer la perfection [...] de personnes d’une capacité distinguée, qui se communiquent leurs lumières & se font par de leurs découvertes pour leur avantage mutuel”. Mas esse aspecto de algo já estabelecido, de pessoas distintas buscando a perfeição, decerto não encontraria suporte em Platão, para quem o conhecimento é algo dinâmico, dialético, uma decorrência do esforço intelectual.

Há outros detalhes de ordem formal a diferenciar a educação superior antiga, a saber:

Embora algumas escolas, como a de Isócrates, determinassem que se estudava durante 3 ou 4 anos, não há nenhuma evidência de que as instituições atenienses de ensino superior alguma vez tenham desenvolvido um *curriculum* [...] como o descrito no estado ideal da República de Platão ou como os que foram adoptados nas universidades medievais. [...] As escolas atenienses de ensino superior eram voluntárias [...]. Ninguém era obrigado a participar no sistema. Nem os professores das escolas, nem as escolas propriamente ditas estavam licenciados ou certificados; não havia exames formais nem eram atribuídos graus académicos àqueles que completavam os seus estudos (LYNCH, 1993, p. 41).

¹⁸ Idem, ibidem.

¹⁹ No referido artigo, a Profa. Maria Luísa Malato, da Universidade do Porto, à luz das múltiplas definições de *academia*, realiza com desenvoltura uma aproximação das Academias Modernas com a de Platão.

Apesar de que, consoante Hernández e Costa (2005, p. 206), instaurou-se na Academia, “[...] al menos después de la muerte de Platón, un régimen jurídico, que incluía la elección de um Director vitalicio y otras reglas que regían el desarrollo de las fiestas y banquetes y de la propia vida académica”. O Liceu, aos poucos, também se organizou internamente.

Afora isso, cabe-nos agora aproximá-los no que diz respeito às pilastras fundamentais da universidade contemporânea: ensino, pesquisa e extensão. Recordemos que são os 3 eixos nucleares da universidade, quando comparadas com as outras instituições: faculdades, centros universitários, institutos tecnológicos etc. Senão vejamos.

Como evocamos atrás, a lei brasileira consagra como objetivos da universidade: *formar profissionais para a participação na sociedade, prestar serviços à comunidade e promover a extensão*. O conceito de *extensão universitária* é recente, mas indagamos: poderíamos nós admitir uma correspondência entre ela e as lições exotéricas do Liceu, por exemplo, que se destinavam ao público em geral? Será que Aristóteles não teve uma preocupação embrionária de aproximar o ensino superior da sociedade em geral? Platão, ao escrever em diálogos, será que não pensava, também, em ligar-se à comunidade?

Outro eixo imprescindível da universidade hodierna é a pesquisa: *promover a formação profissional e científica, desenvolver o espírito científico e pesquisar para o desenvolvimento da ciência e da tecnologia*. Evidente que estamos noutra época, com prevalência da cientificação. As universidades, bem ou mal, têm refletido esse movimento. Dividem a incumbência, geralmente, com os institutos superiores de ciência e tecnologia. Na Academia de Platão já se plantara o germen desse processo. Mas foi no Perípatos que ele assumiu proporções impensáveis até então. Já discorreremos, algures, sobre os motivos que levaram o estagirita a transformar o Liceu no supracumulo das ciências naturais da sua era.

A despeito disso, a nosso ver o ponto de maior imbricação entre a Academia, o Liceu e as universidades é precisamente o ensino, último dos 3 pilares substanciais. O processo de ensino-aprendizagem, referimos atrás, tem o anseio de promover, dentre outros: *o cultivo do saber humano; a produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes; o conhecimento livre, secularizado; a excelência e o rigor no cultivo do mesmo; a criação cultural e o desenvolvimento do pensamento reflexivo; o desenvolvimento do entendimento do homem e do meio em que vive*.

De notarmos, pois, a incrível semelhança dessas ambições com o tipo de educação desenvolvido nas instituições gregas, precipuamente na Academia. A essência da universidade parece harmonizar-se com a essência das duas. A *Akadémeia* teve papel fundamental no aprimoramento da civilização grega, na produção do conhecimento enquanto busca racional da verdade. A preocupação era ultrapassar o terreno da opinião e do discurso. Dessa maneira, para Platão, era possível atingir o mundo inteligível e desenvolver um saber livre, reflexivo e sistemático. Essas características certamente permearam as *Universitatis* originárias, em seu viés mais puro, de totalidade, de *universum*, o inteiro, todo, tornado um.

Em seu tempo, a Academia e o Liceu representaram a síntese de uma época, tais quais as universidades da Idade Média, e também as de hoje. A razão de ser dessas instituições é a formação do homem enquanto ser consciente de si e da sociedade em que atua. Assim, o principal paralelo que estabelecemos tem a ver com essa natureza crítico-reflexiva. As universidades estão imbuídas de um espírito intelectual irrefreável, já presente na Grécia Antiga. A grande comparação que tencionamos empreitar, portanto, é que cada instituição dessas retrata o ápice racional do seu tempo, com bases epistemológicas inexoráveis. Esse anseio fica patente sempre que examinamos os propósitos das universidades, independente do estatuto considerado. Existe um paradigma a ser seguido, não muito diferente do passado. Um paradigma que, em tese, repele a ortodoxia, o conceito pronto e acabado. Um paradigma que, salvo melhor juízo, vive a lutar contra proposições irredutíveis e dogmáticas. Quer dizer, a educação em constante processo de superar-se a si mesma, de ser aquilo que ela é.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É preciso salientar, de novo, que o objetivo principal desta exposição foi estabelecer uma aproximação entre importantes instituições da história da educação superior. Parte dos comentadores não aceita uma ligação direta da Academia e do Liceu com as universidades: as escolas gregas seriam bem diferentes das medievais. Por vezes sequer eles mencionam tais instituições quando lidam com a história universitária.

Tentamos perquirir, neste trabalho, os motivos que possivelmente podem remetê-la à Academia e ao Liceu. É bom lembrarmos que, no Brasil, as universidades correspondem a

uma ínfima parcela do ensino superior²⁰. Por isso delimitamos o assunto com certa nitidez. Alguns paralelos restaram evidentes, outros nem tanto: produto da especulação.

A universidade é, por excelência, o lugar do pensamento ativo, autárquico, à semelhança da Academia e do Liceu em dias pretéritos. Não significa dizer que são insubstituíveis, inquebrantáveis: “*O sol nascerá amanhã?*”, já alertava Hume. Os professores universitários de hoje não precisam deambular pelos bosques, ensinar por debaixo de árvores. Dizem que Nietzsche, tão duro ao platonismo, apesar de filho nato da universidade, sempre imaginava a consecução de um projeto como o de Platão. Dado que o sol é improvável amanhã, então a certeza que temos, por ora, é que o brilho dessas instituições de ensino gregas irradiou-se através dos séculos e ainda está a iluminar a universidade dos tempos de hoje.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Historia de la Filosofia. Tomo I – Filosofia Antigua, Fil. Patrística, Fil. Escolástica**. Tradução de Juan Estelrich. Barcelona: Montaner y Simon, 1955.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Curso de Filosofia Aristotélica: Leitura e Interpretação do Pensamento Aristotélico**. Barueri: Manole, 2003.

CLARKE, Martin Lowther. **Higher Education in the Ancient World**. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1971.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas**. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

DECRETO nº 5.773, de 9 de maio de 2006. **DOU**, DF, 10 de maio de 2006, p. 6.

DILLON, John. **The Heirs of Plato: a Study of the Old Academy (347-274 BC)**. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HERNÁNDEZ, José López; COSTA, Francisco Manuel García. “La Universidad en su 917º Aniversario: de La Academia Platónica al Espacio Europeo de Enseñanza Superior”. **Anales de Derecho**. Murcia, Universidad de Murcia, n. 23, 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/WIN/Downloads/56781-240081-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 de junho de 2014.

HIGHER EDUCATION. In: **Encyclopaedia Britannica**. Chicago, 2014. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/265464/higher-education>>. Acesso em: 15 de maio de 2014.

²⁰ Cf. Clarissa Eckert Baeta NEVES, **A Estrutura e o Funcionamento do Ensino Superior no Brasil**, p. 54.

HÖFFE, Otfried. **Aristóteles**. Trad. Roberto Hofmeister Pich. Porto Alegre: Artmed, 2008.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JAEGER, Werner. **Aristóteles: Bases para la Historia de su Desarrollo Intelectual**. Cidade do México: Fondo de Cultura Economica, 1947.

LEI nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **DOU**, DF, 23 de dezembro de 1996, p. 27833.

LYNCH, John Patrick. **Aristotle's School: a Study of a Greek Educational Institution**. Los Angeles: University of California Press, 1972.

_____. As Origens da Educação Superior em Atenas: O Lyceum e a Educação Ateniense antes de Aristóteles. Vários tradutores. **Universidade de Lisboa**, 1993. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/cadernos/grecia/patrick.pdf>>. Acesso em: 20 de junho de 2014.

MALATO, Maria Luísa. “A Academia de Platão e a Matriz das Academias Modernas”. **Notandum 19**. Porto, Universidade do Porto, jan-abr 2009. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand19/malato.pdf>>. Acesso em: 15 de agosto de 2014.

NEVES, Clarissa Eckert Baeta. “A Estrutura e o Funcionamento do Ensino Superior no Brasil”. In: SOARES, Maria Susana Arrosa (Cord.). **A Educação Superior no Brasil**. IESALC-UNESCO, Porto Alegre, 2002. p. 38-109.

OLDIEST UNIVERSITY. In: **Guinness World Records**. Londres, 2014. Disponível em: <http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/oldest-university>>. Acesso em: 15 de junho de 2014.

PESSANHA, José Américo. “Introdução”. In: **Diálogos: Platão**. Tradução e notas de José de Souza, Jorge Paleikat e João Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).

SOUZA, Paulo Nathanael Pereira de. **Estrutura e Funcionamento do Ensino Superior Brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1991.

WELLS, Herbert George. **História Universal: Volume 2º**. Tradução de Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.